

Conversas sobre o movimento da Etnomatemática na UFU

Benerval Pinheiro Santos¹

Cristiane Coppe²

RESUMO

Neste texto pretende-se dialogar acerca do movimento em Etnomatemática, tendo por base experiências vivenciadas a partir do ano de 2008, junto à Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pretende-se evidenciar as produções e potencialidades do Programa de Pesquisa Etnomatemática, apresentando fatos e dados de grupos de pesquisa da UFU, como resultado de diálogos e ações iniciados pela questão: “De que modo a Etnomatemática pode fazer emergir elementos que podem contribuir para a formação do professor e do pesquisador em Educação (Matemática) e os processos de empoderamento de pessoas e grupos sociais? Evidenciou-se elementos acerca da educação, da docência e de práticas sociais que podem ser ressignificadas na perspectiva do Programa de Pesquisa Etnomatemática. Nesse processo, destaca-se que a troca de experiências, a abertura para o conhecimento e para o currículo descolonizador, proporcionam um novo olhar para o mundo e sua diversidade, provocando novas discussões em Etnomatemática nos espaços de reflexão e ação na Universidade Federal de Uberlândia.

PALAVRAS-CHAVE: Programa Etnomatemática. Formação de professores. Prática docente; Práticas Sociais

A conversation about the movement of Ethnomathematics in UFU

ABSTRACT

In this text, we intend to have a dialogue about the movement in Ethnomathematics, based in experiences from the year 2008, by the de

¹Doutor em Educação pela FEUSP. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. *E-mail:* benervalsantos@gmail.com.

² Pós-doutorado em Educação pela Universidade de Lisboa. Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil. *E-mail:* coppedeolivera@gmail.com

Federal University of Uberlândia (UFU). It is intended to highlight the potential of Ethnomathematics Program, presenting facts and data of research groups of the UFU, as a result of dialogue and actions initiated by the question: "how the Ethnomathematics can do arise elements that can contribute to the formation of the professor and researcher in education (mathematics) and the processes of empowerment of people and social groups? It was about elements of education, teaching and social practices that can be in terms of Ethnomathematics Program re-signified. In this process, the exchange of experiences, the opening to knowledge and to the decolonizer curriculum, provide a new view to the world and your diversity, causing new discussions in Ethnomathematics in spaces for reflection and action on Federal University of Uberlândia .

KEYWORDS: Ethnomathematics Program. Training of teachers. Teaching practice; Social Practices

“Abrindo a roda”...

O Brasil contemporâneo emerge como uma potência em termos de produções acadêmicas e literárias em diversos campos e áreas. Nesse sentido, são vastas e diversas as publicações que têm a etnomatemática como base, fundamentação teórica ou mesmo como objeto de estudo. Tendo o início dos anos de 1990 como marco temporal são perceptíveis os avanços, não apenas na produção mas também em termos das compreensões acerca do que se entendia por Etnomatemática.

Naquele período, as diversas publicações na área da Etnomatemática evidenciavam os conhecimentos matemáticos inerentes e construídos por grupos identificáveis e eram chamados de conhecimentos etnomatemáticos. De certo modo, os pesquisadores e pesquisadoras que assim os rotulavam estavam/estão imbuídos da seguinte compreensão ou terminologia: Tecné (ticas= técnicas e artes), etno (culturas e suas diversidade) e mathema (ensinar = conhecer, entender, explicar) (D’AMBROSIO, 1993, p. 5). Ou seja,

entendiam, talvez, a etnomatemática como uma linha de pesquisa que buscava evidenciar as matemáticas praticadas por diferentes grupos socioculturais, propondo uma maior valorização dos conceitos e conhecimentos matemáticos construídos por estes grupos.

Aqueles e aquelas pesquisadoras, como ressaltam Fiorentini e Lorenzato (2006) inseriam-se num quarto momento do processo histórico de desenvolvimento da Educação Matemática, ou seja, no surgimento de uma comunidade de pesquisadores e pesquisadoras nesta área. Ainda segundo estes pesquisadores, até o início dos anos de 1970, as pesquisas brasileiras em Educação Matemática eram incipientes em termos de quantidade.

Contudo, ao evidenciarem as dimensões culturais, sociais e cognitivas nos processos de produção e geração de conhecimento aquelas pesquisas agregaram uma importância maior ao buscarem na Antropologia contribuições para Educação Matemática. De fato, quando se observa que até então as aproximações dessas duas áreas pareciam não existir (VERGANI, 2000).

Assim, a aproximação da Antropologia, da Educação e da Educação Matemática tornou-se fundamental para o desenvolvimento da Etnomatemática nos anos seguintes, na medida em que “o conhecimento matemático adquire validade na medida em que se integra, localmente, num grupo humano” (VERGANI, 2000, p. 33).

Diante disso, a Etnomatemática consolida-se em sua dinamicidade, ou como prefere Vergani (2000, p. 31), como “uma perspectiva antropológicamente dinâmica”. Ou, ainda, segundo D’Ambrosio, como um Programa de Pesquisa, no qual

[...] o matema, [...], vai muito além [das matemáticas étnicas], significando o potencial do ser humano - em todas as culturas, ao longo de sua presença no planeta - para satisfazer sua ansiedade de transcender, de ser capaz de explicar, entender e criar. Para isso, grupos humanos

desenvolvem, ao longo da história de sua evolução cultural e de acordo com suas características culturais (etno), distintas técnicas (ticas, do grego techné, que é também raiz de arte). Dentre as inúmeras técnicas criadas, a matemática é apenas uma delas, desenvolvida a partir das culturas ao redor do Mediterrâneo. Há nisso apenas uma coincidência de nome, resultado de recorrermos a raízes gregas para denominar as diversas disciplinas científicas (D'AMBROSIO, 1997, p. 118.)

O Programa de Pesquisa Etnomatemática permite, assim, articular de modo mais abrangente os fundamentos sobre os quais se procura entender, explicar os processos de construção de conhecimentos (não apenas matemáticos) e as práticas educativas inerentes a processos junto a grupos culturais ou de trabalhadores.

A partir dessa perspectiva, este artigo pretende dialogar acerca do movimento em Etnomatemática, por meio de experiências vivenciadas a partir do ano de 2008, junto à UFU. Tal diálogo privilegiará a conversa sobre este movimento, procurando evidenciar as potencialidades do Programa Etnomatemática em suas dimensões educacional e política.

Para a constituição dessa conversa, utilizou-se como metodologia investigativa, um estudo bibliográfico a partir das publicações em Etnomatemática que emergiram do movimento na área no contexto da UFU.

Este movimento inicia-se antes mesmo do ingresso dos autores como docentes na instituição, pois os autores constituíram parte de um grupo de pesquisadores em Etnomatemática junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (GEPEM/FEUSP) há quase vinte anos. Este fato, torna evidente a necessidade de iniciarmos nossa conversa a partir do GEPEM.

GEPEM: para início de conversa

O grupo de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (GEPEM/FEUSP), foi constituído

no final de 1998. O GEPEm organizou-se em torno do interesse comum de seus participantes – pós-graduandos, graduandos da FEUSP e outros núcleos universitários, pesquisadores da FEUSP e outras universidades brasileiras/estrangeiras, professores da escola básica pública e outras.

Agregou pessoas pela diversidade matemática produzida e utilizada a partir dos vários contextos socioculturais, bem como por um ensino de matemática que procurava conhecer mais intimamente o educando em suas especificidades, levando em conta no processo de aprender e ensinar conhecimentos anteriores dos estudantes (intelectuais, artísticos, entre outros), suas preferências, situação familiar e econômica.

O GEPEm foi coordenado desde de 1998 até 2016 pela professora Maria do Carmo Santos Domite (A Carmo) e pelo professor Ubiratan D'Ambrosio. Infelizmente, quis o destino que a “Carmo” nos deixasse, no entanto suas ideias, propostas e teorias acerca do Programa de Pesquisa Etnomatemática continuam vivas nas reuniões do grupo, com a continuidade sob a liderança do professor Ubiratan e com novos pesquisadores na área, envolvendo desde alunos de graduação a doutorandos.

De acordo com Oliveira & Fantinato (2016, p. 84),

[...] é interessante ressaltar que os momentos e movimentos proporcionados pela coordenação da Maria do Carmo junto ao grupo, ajudaram na disseminação de novos grupos de pesquisas nas instituições de origem ou destino após a conclusão dos mestrados e/ou doutorados na FEUSP. Formou-se, desse modo, uma ramificação, uma espécie de árvore genealógica do GEPEm.

A ideia de pensar na genealogia do GEPEm, segundo as autoras, vem da proposta de se pensar que a coordenação da Maria do Carmo no grupo, bem como as orientações de mestrado e doutorado sob sua condução, que compuseram parte da história dos estudos e discussões dos encontros

semanais do GEPEm, pode ser interpretada em quatro ramificações de novos grupos de pesquisa: grupo de Etnomatemática da Universidade Federal Fluminense (GETUFF), o Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares (GPECPOP), Núcleo de Pesquisas e Estudos em Educação Matemática (NUPEm) e o Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnomatemáticas Negras e Indígenas (GEPENI), estes últimos três vinculados à UFU.

Neste contexto, os autores desse artigo, ao ingressarem na UFU, viram a possibilidade de atuar no ensino superior com a pesquisa, ensino e extensão na perspectiva do Programa de Pesquisa Etnomatemática. E é sobre esse movimento em favor e defesa da Etnomatemática é que buscamos as experiências relatadas em livros e artigos científicos a partir do ano de 2008, compreendendo o período de ingresso dos autores junto à instituição.

O contexto da investigação: continuando a conversa

Considerando como ponto de partida temporal o ano de 2008, para a busca de publicações acerca de projetos e ações em Etnomatemática junto à UFU, tendo como fonte a plataforma do currículo lattes e o diretório de grupos de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Iniciou-se, assim, um processo de olhar, reflexivamente, para o que havia se constituído, institucionalmente, nesta área.

No ano de 2009, foi criado o Núcleo de Pesquisas e Estudos em Educação Matemática (NUPEm), junto ao diretório de grupos de pesquisa do CNPq. O núcleo é composto por pesquisadores, professores, das redes pública e particular de ensino, alunos da graduação e da pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da UFU. O grupo acredita, assim como Ubiratan D'Ambrosio, que a Educação Matemática deve contemplar um conhecimento matemático atual, e como se manifesta no dia a dia, na ciência e na tecnologia, relevando não apenas o aspecto utilitarista da matemática,

mas também as formas de arte, os modos próprios de cada pessoa e grupos de matematizarem.

O NUPEm, por meio de seus pesquisadores, desenvolve diversos projetos de pesquisa, bem como ressalta a importância de um sólido conhecimento teórico científico na Educação Matemática que passa a refletir em suas ações e em publicações específicas da área. Entre as várias linhas de pesquisa em Educação Matemática, apontadas pela Sociedade Brasileira da Educação Matemática - SBEM, destacam-se no NUPEm pesquisadores envolvidos nas seguintes tendências: Psicologia da Educação Matemática, História da Educação Matemática Brasileira, Etnomatemática, Formação de Professores, Avaliação da Aprendizagem, modelo teórico dos campos semânticos, investigação/formulação de problemas e prática pedagógica. A partir da linha *História da Matemática e cultura*, a Etnomatemática vêm se fortalecendo, a partir de projetos de pesquisa, publicações de artigos científicos, abrangendo desde as iniciações científicas e trabalhos de conclusão de curso aos temas de mestrado que envolvem os principais referenciais na área.

O grupo organizou no ano de sua criação o I Seminário de Educação Matemática do Pontal na cidade de Ituiutaba, junto ao *campus* Pontal da UFU e, como fruto das discussões e reflexões do evento e dos pesquisadores envolvidos, publicou a obra Educação Matemática: contextos e práticas docentes, que em 2014 foi para a segunda edição. Neste evento, tivemos uma mesa redonda intitulada Etnomatemática: concepções e ideias, com a participação dos pesquisadores Regis Luiz Lima de Souza trazendo contribuições para as discussões que seguem na aproximação entre Etnomatemática e formação de professores. O outro convidado da atividade foi Benerval Pinheiro Santos (um dos autores deste trabalho), revelando ao congressistas a perspectiva da etnomatemática D'Ambrosiana para a Formação Docente.

Na busca de trazer apontamentos para as aproximações que podem se estabelecer entre a etnomatemática e a formação de professores, Souza (2014, p.68), afirma

[...] acreditamos que a etnomatemática esteja intimamente ligada à formação de professores, pois parece claro que, para que haja uma reflexão do educador, deve também haver um respeito mútuo quanto às diferenças. Não podemos nos enganar acreditando que um educador, ao participar de um curso de formação, esteja abdicando de suas experiências particulares. Assim como nossos educandos também não se despem de seus costumes e saberes ao adentrar todos os dias em uma sala de aula.

No ano de 2009 foi criado o grupo de pesquisa em Educação e culturas populares (GPECPOP), junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFU. O grupo envolve em seus projetos de extensão e pesquisa, docentes, educadores populares e discentes de graduação e da pós-graduação de diferentes áreas do conhecimento. A Etnomatemática desenvolve-se no interior do grupo a partir de linha de pesquisa *Educação e Culturas Populares e Instituições Públicas de ensino; etnociências; subjetividade*, buscando interfaces com a investigação de processos de educação e culturas populares.

A partir dos resultados dos trabalhos desenvolvidos no GPECPOP, foram organizadas duas publicações. No ano de 2012 a obra *Educação popular em tempos de inclusão: pesquisa e intervenção* (SANTOS, NOVAIS e SILVA, 2012) e mais recentemente em 2014 *Educação e Culturas populares em diferentes contextos educativos: pesquisas e intervenções* (SANTOS, OLIVEIRA e MENDES, 2014)

Etnomatemática na UFU: compartilhando...

A partir da consulta a outras produções bibliográficas, além dos livros mencionados anteriormente, optou-se por fazer um mapeamento dos artigos

que relacionam ações e movimentos da etnomatemática na UFU e após análise das produções, elencar as principais temáticas emergentes (movimento!). No entanto, cabe ressaltar que o movimento abarca a prática constante dos autores desse artigo como agentes produtores e legitimadores (PASSOS, 2017) da etnomatemática na UFU. Nesse sentido, a pesquisadora afirma em sua tese de doutorado:

[...] estamos considerando como legitimação um processo que envolve a produção, divulgação, promoção e circulação, analisados neste texto como constituídos pelas atividades registradas pelos sujeitos de pesquisa em seus currículos Lattes. Assim, caracterizamos atividades como publicação de artigos, livros, capítulos de livros, orientação, participação em bancas etc. como meios de produção. Por eles veicula a ideia que produz o discurso que constitui a etnomatemática enquanto crença. Um discurso que é produzido pelos sujeitos que se envolvem com a etnomatemática e, a partir disso, reproduz as práticas produzidas por eles. (PASSOS, 2017, p.142)

Para este artigo, será considerado apenas os capítulos de livros, a organização de livros a partir do trabalho desenvolvido, junto ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFU (NEAB/UFU) e os artigos publicados, além dos livros citados anteriormente, ligados aos grupos de pesquisa NUPEM e GPECPOP, conforme apresenta-se no quadro 1.

QUADRO 1: Trabalhos que relacionam Etnomatemática oriundos dos produtores e legitimadores da etnomatemática na UFU

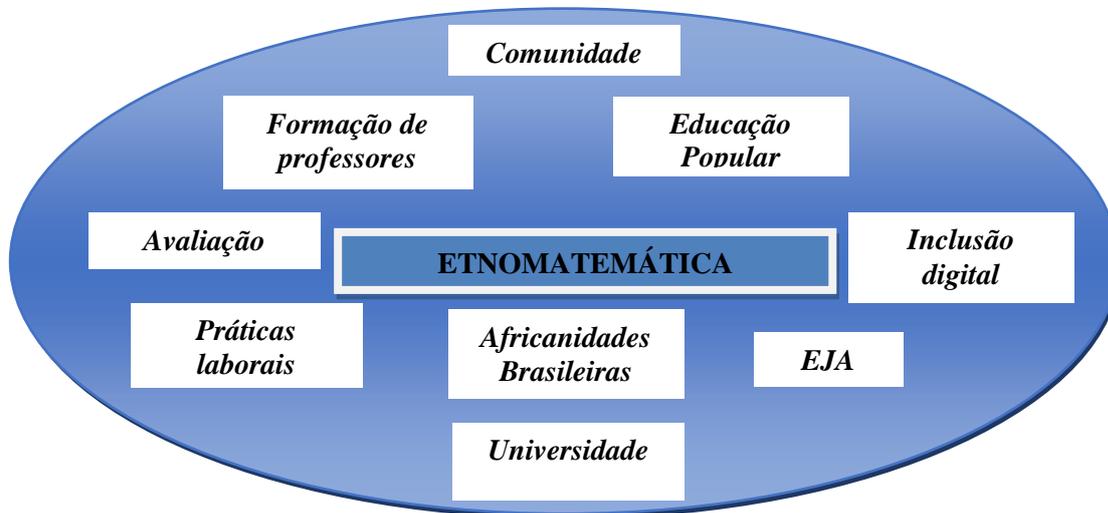
Tipo de publicação	Ano	Título	Autor(es)
Capítulo de livro	2010	Contribuições da Etnomatemática D'Ambrosiana para a Formação Docente.	Benerval Pinheiro Santos
Anais da XIII Conferência Interamericana de Educação Matemática.	2011	Trabalhadoras populares e matemática: uma pesquisa de cunho etnomatemático.	Benerval Pinheiro Santos; Ronicly Eduardo Corrêa de Araújo, Iraídes Reinaldo da Silva e Mayara Puntel Campos Soares.
Artigo na Revista EDUCAmazônia - Educação, Sociedade e Meio Ambiente, v.	2013	Implementação da Lei 10639/03 nas licenciaturas da FACIP/UFU: investigando práticas sob a perspectiva da Etnomatemática.	Cristiane Coppe de Oliveira e Andresa Santos Morais.

XI, p. 219-242, 2013.			
Artigo na REMATEC. Revista de Matemática, Ensino e Cultura	2012	Educação Matemática Antirracista e o Programa Etnomatemática.	Cristiane Coppe de Oliveira
Anais do 4º Congresso Brasileiro de Etnomatemática – CBEm-4.	2012	Do tijolo ao computador: empreendedorismo, meio de produção e etnomatemática.	Benerval Pinheiro Santos; Ronicly Eduardo Corrêa de Araújo, Milena Abadia de Sousa, Iraídes Reinaldo da Silva e Ana Flávia Beserra da Silva.
Organização de livro junto ao NEAB/UFU	2012	Formação Inicial, história e cultura africana e afro-brasileira: desafios e perspectivas na implementação da Lei federal 10639/03.	Cristiane Coppe de Oliveira, Guimes Rodrigues Filho e João Gabriel do Nascimento (Orgs).
Anais do 4º Congresso Brasileiro de Etnomatemática – CBEm-4.	2012	Alfabetização, alfabetização matemática e inclusão digital: uma prática etnomatemática.	Benerval Pinheiro Santos, Clarice Carolina Ortiz de Camargo, Ronicly Eduardo Corrêa de Araújo, Milena Abadia de Sousa, Iraídes Reinaldo da Silva e Ana Flávia Beserra da Silva.
Anais do Colóquio de pesquisa em Educação e culturas populares – COPECPOP.	2012	Trabalhadoras populares e matemática: uma pesquisa de cunho etnomatemático.	Benerval Pinheiro Santos, Iraídes Reinaldo da Silva, Ronicly Eduardo Corrêa de Araújo e Mayara Puntel Campos Soares.
Anais do 4º Congresso Brasileiro de Etnomatemática – CBEm-4.	2012	As práticas de registros nos processos avaliativos da alfabetização inicial sob a perspectiva da Etnomatemática.	Benerval Pinheiro Santos e Clarice Carolina Ortiz de Camargo.
Capítulo de livro	2014	Bonecas, bolos, matemática e engajamento: uma análise dos modos de produção em unidades produtivas populares.	Benerval Pinheiro Santos, Ronicly Eduardo Corrêa de Araújo, Iraídes Reinaldo da Silva, e Mayara Puntel Campos Soares, Milena Abadia de Sousa, Mayara Puntel Campos Soares e Ana Flávia Beserra da Silva.
Capítulo de livro	2014	Matematicando a colcha: tecendo saberes na Educação de Jovens e Adultos- EJA.	Benerval Pinheiro Santos, Cristiane Coppe de Oliveira e Iraídes Reinaldo da Silva.
Capítulo de livro	2014	Formação de professores e o contexto étnico-racial: tecendo diálogos.	Cristiane Coppe de Oliveira

Artigo no International Journal for Research in Mathematics Education.	2016	University & Community: an Ethnic-racial theme from the perspective of the Ethnomathematics program.	Cristiane Coppe
Artigo na Revista da ABPN.	2017	O program Etnomatemática e o ensino da geometria: dialogando sobre a prática pedagógica.	Cristiane Coppe
Artigo no Jornal Internacional de Estudos em Educação Matemática, v. 9, p. 73-93, 2017.	2017	Maria do Carmo Domite: da pluralidade de vozes aos movimentos pela Etnomatemática.	Cristiane Coppe e Maria Cecília Fantinato

As publicações apresentadas no quadro 1, provocam reflexões sobre algumas vertentes que emergem a partir de movimentos de pesquisa, de formação de professores e da própria prática docente. Após uma análise do conteúdo desse artigos, contatou-se que agentes produtores e legitimadores da etnomatemática na UFU, estabeleceram pontes entre as relações apresentadas na figura 1, que se fizeram presentes neste movimento.

FIGURA 1: Roda das relações emergentes da produção científica investigada – o “olhar dos morcegos”



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Esta roda foi dando movimento à abordagem etnomatemática, a partir de diálogos institucionais que foram se abrindo junto ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/UFU), ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FAGED (PPGED/FAGED/UFU) e do Programa de Pós-graduação em

Ensino de Ciências e Matemática (PPGCM/UFU). No que se refere à formação de professores, estas relações foram tecidas, tanto na formação inicial, quanto continuada, junto a projetos de formação realizados na UFU, tal como a rede nacional de professores, o Programa PIBID e diversos cursos de Especialização na área de Educação em que a diversidade figura como tema central.

E a roda continua aberta...

Sob um *olhar dos morcegos*³, como menciona Vergani (2000), buscando convergências, compreensões e construções a partir destes dez anos de ações dos autores no âmbito da UFU, foi possível perceber uma elasticidade, com uma conseqüente ampliação dos significados e possibilidades que até então o UFU se nos apresentava como possibilidades. Como buscou-se evidenciar na FIGURA 1, as produções e, particularmente, as ações, desenvolvidas nesse período tinham a UNIVERSIDADE e a COMUNIDADE/SOCIEDADE, como *locus*, lugares de produção, mas também de ressignificação de saberes e conhecimentos produzidos. Locais de trocas. A comunidade, mais que um lugar de aplicação, de destino, ou porto por onde se *escoam* artefatos e mentefatos produzidos na universidade, e que em geral lhes são alheios, assume um papel ativo também de produtora de conhecimentos. A etnomatemática passou a ser vista como uma via condutora de possibilidades – avaliação; formação de professores; africanidades; práticas sociais; etc. – entre Universidade e Comunidade. De modo que *entender, explicar e ressignificar, agir e refletir, dialogar (falar e ouvir)* configuram-se como pontos de parada obrigatórios nessa via.

Por meio dos projetos e ações norteados pelo UFU, vislumbrou-se possibilidades e alcançou-se caminhos viáveis no que diz respeito a valorização de conhecimentos e culturas populares e implementou-se na

³ Para a autora, sob esta metáfora, “[...] particularmente atenta à conexidade intrínseca entre transculturalidade e transdisciplinaridade, tende para um conhecimento matemático globalizante, contextualizado, socialmente justo e significativo. Consciente da não neutralidade do ensino, assume uma postura que se não deixa intimidar pela ‘ordem’ econômica, política e social vigente” (VERGANI, 2000, p. 11).

cultura universitária, outras formas de produzir conhecimentos. As rodas de conversas, a título de exemplo, passaram a fazer parte de nossas rotinas acadêmicas, inclusive como metodologia de apresentação de trabalhos nos dois congressos de educação e culturas populares organizados pelo GPECPOP nesse período – 1º e 2º ENPECPOP (2011 e 2013) – Encontro Nacional de Pesquisadores/as em Educação e Culturas Populares.

Do mesmo modo, trabalhadoras populares, participantes de um dos projetos durante este período, que tinha como objetivo principal desenvolver ações e compreensões acerca da inclusão digital e letramento, sentiram a necessidade de produzir um livro, no qual narravam suas experiências. Mais que isso, ousou-se dizer que aquele livro (FIGURA 2) significou para muitas delas seus primeiros registros escritos eletronicamente. Dito de outro modo, como sempre buscou Paulo Freire, não queremos apenas compreender o outro, mas afetá-lo e ser afetado por ele.

FIGURA 2: Capa do Livro: Mãos que tecem saberes, produzido por trabalhadoras populares.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Ao longo dos últimos dez anos, compreendeu-se, em diferentes contextos, as palavras de Freire no que se refere ao “afetar e ser afetado”. Portanto, essa conversa continuará nas salas de aula, nos grupos de pesquisas, nos corredores, nas reuniões institucionais e tantos outros espaços que forem oportunizados para que se lancem novos *olhares de morcegos* na perspectiva do Programa de Pesquisa Etnomatemática.

Referências

- D'AMBROSIO, U. *Transdisciplinaridade*. São Paulo (SP): Palas Athenas, 1997.
- _____. *Etnomatemática*. Arte ou técnica de explicar e conhecer. São Paulo (SP): Atual, 1993.
- FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. *Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos*. Campinas (SP): Autores Associados, 2006.
- OLIVEIRA, C.C.; FANTINATO, M.C. Maria do Carmo Domite: da pluralidade de vozes aos movimentos pela Etnomatemática. In: *International Journal for Studies in Mathematics Education*, São Paulo, v.9, nº 3. 2016.
- PASSOS, C.M. *Condições de produção e legitimação da Etnomatemática*. 2017. 225f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- SANTOS, B.P.; NOVAIS, G.S.; SILVA, L.C. *Educação popular em tempo de inclusão: pesquisa e intervenção*. Uberlândia (MG): EDUFU, 2012.
- SANTOS, B.P.; OLIVEIRA, C.C.; MENDES, O.M. *Educação e culturas populares em diferentes contextos educativos: pesquisas e intervenções*. Uberlândia (MG): EDUFU, 2014.
- SOUZA, R.L. Etnomatemática e formação de professores: caminhos e possibilidades. In: OLIVEIRA, C.C.; MARIM, V. (Orgs) *Educação Matemática: contextos e práticas docentes*. Jundiaí (SP): Alínea, 2014.
- VERGANI, T. *Educação Etnomatemática: o que é?* Lisboa: Pandora, 2000.

Recebido em setembro de 2018.

Aprovado em outubro de 2018.